

## A DUPLA FACE DO DISCURSO HOMOERÓTICO: CAIO FERNANDO ABREU E PEDRO LEMEBEL

Juliana Helena Gomes Leal\*

**Resumo:** A partir do levantamento das especificidades da composição simbólica de alguns textos literários produzidos pelo escritor brasileiro Caio Fernando Abreu, na obra *Morangos mofados* (2005), e, pelo escritor chileno Pedro Lemebel, no livro *Adiós mariquita linda* (2006) e em *La esquina es mi corazón* (1997), este artigo versará sobre a natureza heterogênea e móvel subjacente à construção da discursividade homoerótica.

(...) meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde.

Caio Fernando Abreu

Lançar mão da expressão “dupla face” significa muito mais do que apontar duas possibilidades distintas na construção da discursividade homoerótica em algumas das narrativas de escritores como o brasileiro Caio Fernando Abreu e o chileno Pedro Lemebel; objetiva enfatizar o caráter ambíguo, flutuante e heterogêneo subjacente à tessitura desse discurso.

A partir das especificidades da composição simbólica dos discursos homoeróticos construídos pelo escritor brasileiro nos contos “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, da obra *Morangos*

---

\* Doutoranda em Literatura Comparada, Pós-Lit/UFMG.

*mofados* (2005), e, pelo escritor chileno, nas crônicas “Eres mío, niña” e “Noche quiltra”, do livro *Adiós mariquita linda* (2006) e em algumas crônicas da obra *La esquina es mi corazón* (1997), tentarei mostrar como essa polivalência discursiva se realiza.

Nesses dois contos de Abreu, a atuação do literário como *mediador expressional*<sup>1</sup> da enunciação homoerótica se efetiva por meio de falas como esta: “apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também”.<sup>2</sup> Fala que, a meu ver, tem a capacidade de transcendência, isto é, de atuação em ao menos três níveis de enunciação: o ficcional, o autoral e o da recepção, porque se trata de um desdobramento expressional – espécie de palimpsesto discursivo – que problematizaria a condição do ser humano como um *corpo desejante* e não apenas como um corpo biológico.

Se considerarmos o contexto histórico-político a partir do qual se dá a primeira aparição pública da obra de Abreu – princípio dos anos 1980 e, portanto, ainda antes do retorno ao “regime democrático” no Brasil –, percebemos que o discurso literário homoerótico dessa obra poderia funcionar não somente como um *mediador expressional*, mas, fundamentalmente, como *mediador ideológico*, por se apropriar do universo literário como espaço para o exercício político. Esse posicionamento pode ser justificado na medida em que encontramos, em seus textos, referências explícitas a certas entidades religiosas (Iemanjá, Xangô, Ogum Beira-Mar, etc.) e a um comportamento social tido como de risco (“Sentado na areia, ele tirou da sunga mágica um pequeno envelope, um espelho redondo, uma gilete. Bateu quatro carreiras, cheirou duas, me estendeu a nota enroladinha de cem. Cheirei fundo, uma em cada narina.”<sup>3</sup>), conformando o que Jurandir Freire

---

<sup>1</sup> BRAGA JÚNIOR. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo*, p. 14.

<sup>2</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 57.

<sup>3</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 58.

Costa denominou “experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal (...) da maioria”.<sup>4</sup>

Mesmo tendo consciência – personagem e escritor – de “que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval”,<sup>5</sup> encontramos, em “Terça-feira gorda”, uma simbologia homoerótica que desafia, sem a proteção de um discurso literário enviesado ou metafórico, os padrões comportamentais que configuravam a sociedade dos anos 1980 no Brasil: “O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele.”<sup>6</sup>

A opção por esse posicionamento discursivo direto, imbuído de uma carga erótica, não anula, entretanto, o uso de uma poética homoerótica do encantamento, da sensibilidade, que, muitas vezes, parece quase tangenciar a inocência, como em: “Feito dois figos maduros apertados um contra o outro, as sementes vermelhas chocando-se com um ruído de dente contra dente.”<sup>7</sup> Ou em:

A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim, porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> COSTA. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*, p. 22.

<sup>5</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 58.

<sup>6</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 59.

<sup>7</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 58.

<sup>8</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 59.

Interessante apontar, de modo semelhante, a existência concomitante de ao menos duas diferentes maneiras de construir o discurso homoerótico nas obras de Pedro Lemebel, segundo dois contextos sociopolíticos distintos. As narrativas que compõem o livro de crônicas *La esquina es mi corazón* (1997) – boa parte delas gestadas durante o governo militar de Augusto Pinochet – revelam, por exemplo, uma intensificação da presença simbólica de um *olhar social heteronormativizado*<sup>9</sup> que censura, julga e recrimina as “narrativas do desejo”<sup>10</sup> construídas entre pessoas de mesmo sexo em diversos espaços públicos da cidade, tais como cinemas, quartéis, parques, etc.: “Noche de ronda que ronda lunática y se corta como un collar lácteo al silbato policíaco. Al lampareo púrpura de la sirena que fragmenta nalgas y escrotos, sangrando la fiesta con su parpadeo estroboscópico.”<sup>11</sup> Ocorrência *heteronormativizante* que também pode ser identificada no conto “Terça-feira gorda”, de Abreu, quando outros sujeitos, possivelmente heterossexuais, tecem comentários acerca da aproximação, do contato físico realizado entre dois indivíduos do sexo masculino: “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam.”<sup>12</sup> Ou, ainda, quando partem diretamente para a agressão física: “Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. (...) O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai, ai, gritavam, olha as loucas.”<sup>13</sup>

Nesse sentido, a discursividade homoerótica apresentada em *La esquina es mi corazón* e em *Morangos mofados* parece ter

---

<sup>9</sup> BRAGA JÚNIOR. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo*, p. 15.

<sup>10</sup> Acerca dessa expressão, conferir artigo “Algumas narrativas do desejo cidadão: Pedro Lemebel”, publicado em SOUBBOTNIK; SOUBBOTNIK. *O corpo e suas fic(xa)ções*, p. 359-368.

<sup>11</sup> LEMEBEL. *La esquina es mi corazón: crônica urbana*, p. 13.

<sup>12</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 57.

<sup>13</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 59.

sido elaborada, ou talvez fundamentalmente elaborada, pela constante movência entre as tentativas de realização do amor homoerótico em distintas ambiências públicas e o incansável *ballet* da repressividade homofóbica, conformando a existência de uma “mecânica relacional do poder”, à qual se referiu Michel Foucault na obra *Microfísica do poder* (2005). O exemplo a seguir ilustra bem esses deslocamentos de poder, que ora tendem para o vetor “obediência, aceitação”, ora para o vetor “subversão, desafio”:

Alguien cerca para compartir el miedo y sudar juntos, pegados por el mismo olor a pólvora y sobacos. Alguien que reptando a su lado se le apega entre sollozos. Y mientras tiemblan se reconocen bajo la cara sucia, se tocan y abrazan con fuerza, se hurgan las braguetas buscando algún comando, algún mecanismo para manejar este flipper, tratando de asirse a algún tentáculo humano, que no sea el acero como prolongación de los dedos agarrotados por el arma.<sup>14</sup>

Em *Adiós mariquita linda*, publicada em 2006, não obstante, identificaremos uma ausência evidente desse *olhar heteronormatizante*. Encontraremos, nessa obra, ao contrário, uma construção filosófica da discursividade homoerótica mediada antes por interesses comerciais e carnais que por um puramente afetivo. O conceito de *homoafetividade*, especialmente se dermos ênfase ao termo “afetividade”, que o compõe, estará fadado à degradação de sua aura, se analisado sob a perspectiva da necessidade da sobrevivência humana – o *camino al matadero*,<sup>15</sup> segundo nomeia Pedro Lemebel – em meio a uma sociedade capitalista excludente, que submete certos grupos a uma guetificação social e econômica, somente driblada por mecanismos como a prostituição:

---

<sup>14</sup> LEMEBEL. *La esquina es mi corazón*: crónica urbana, p. 54-55.

Quieres un cigarro?, lo sorprendí estirándole el paquete que atrapó con urgencia. ¿En qué andas a esta hora?, dije al azar, mirando el lomo cordillerano recortado por el amanecer. Aquí ando, cagándome de frío, buscando money y camita caliente, murmuró evaporando las letras de su entumido fumar. ¿Cuánto me cobras? ¿Por qué?, preguntó, bajando la cabeza rapada con cintillo NY que coronaba sus ilusiones. Por acostarte conmigo, levanté la voz acentuando la frialdad del que paga.<sup>16</sup>

Na crônica “Eres mío, niña”, por exemplo, Pedro Lemebel, escritor-personagem, tropeça com seu *outro*, seu *chico hip-hop*, “agachado no chão, buscando guimbas de cigarros”.<sup>17</sup> O encontro desses dois sujeitos desejantes definitivamente não se realiza em uma atmosfera de festa e alegria, tal como aquela em que se encontram os outros dois personagens do conto “Terça-feira gorda”: “De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também...”<sup>18</sup> Este último tipo de aproximação afetiva, diferentemente do que podemos supor a partir da descrição do ambiente da crônica construído pelo escritor chileno, parece querer elucidar muito mais a existência de uma *homoafetividade* semelhante àquela travada entre personagens de narrativas de encantamento, nas quais o encontro sempre se dá em um cenário mágico e feliz, do que uma *homoafetividade* corrompida, como a apresentada anteriormente ou, ainda, de modo semelhante, como a que aparece na crônica “Noche quiltra”:

---

<sup>15</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 28.

<sup>16</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 27.

<sup>17</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 27.

<sup>18</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 56.

La periferia poblacional ilumina de azul marchito el sueño de la plebe; de seguro que a esta hora todos duermen en el habitar de los bloques, todos menos los chicos carreteros que, acomodados en las escaleras, siguen brindando con su caja de vino por la pequeña alegría de su anónimo penar. Un poco temeroso, saludo a la rápida y trato de pasar piola directo al tercer piso. Pero un duende despeinado me ataja diciendo: hola, Pedro, ¿quierís un copete? <sup>19</sup>

No entanto, ainda que a relação seja homoerótica ou homosocial, por definir-se entre um *biphopeiro* e um escritor por meio de uma suposta ausência de afeto e, por isso, talvez compreendida como puramente física, observamos, em determinados momentos dessa crônica, uma preocupação excessiva desse último sujeito com o primeiro, quando lhe inquire acerca da existência de uma *violenta cicatriz* que levava nos ombros, ou quando o garoto de programa cria, para Lemebel, um *rap* chamado “Eres mío, niña”, nome que dá título à crônica, ou ainda quando, ao final do texto, desabafa:

Todo iba bien, a pedir de boca, pero un día él o yo no pudimos soportar más ese teatro nupcial. (...) Algo me amó el vagabundero rapiento que alojó en mi corazón. (...) Por eso, después de un tiempo de Penélope esperante, guardé su letra de rap, sus dibujos graffiteros y, noctámbula como siempre, regresé al callejón insomne de las marilobas.<sup>20</sup>

Não sei se caberia analisar aqui as razões histórico-políticas que cada contexto e época incutiram à elaboração dos textos citados, para tentar compreender possíveis interferências nas construções das discursividades literárias homoeróticas, se

---

<sup>19</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 145.

<sup>20</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 34.

partimos da consideração, feita por Barcellos, de que “os processos sociais e as dinâmicas culturais não são elementos ‘externos’ às obras literárias, mas, pelo contrário, o próprio material a partir do qual elas se constituem como objetos estéticos”.<sup>21</sup> O fato é que essas narrativas – as da obra *La esquina es mi corazón* e as de *Morangos mofados* –, ainda que produzidas em contextos repressivos ou não escancaradamente democráticos e de uma evidente discriminação contra o indivíduo homossexual, não estão condicionadas a um nível discursivo recalcado ou velado.

Em *La esquina es mi corazón*, por exemplo, a explosividade e heterogeneidade linguística e simbólica dos recursos textuais que conformariam o teor do discurso homoerótico parecem ser tão subversivas e imagéticas quanto aquelas utilizadas na última obra de Pedro Lemebel, *Adiós mariquita linda*. Vejamos dois exemplos dessas duas obras, respectivamente:

Entonces la banda sonora es el crujido de los asientos; una coral de seseo o pequeña gimnasia promiscua en el jiu-jitsu de los dedos. En contraste con la gimnasia de la coreografía karateca doblada por la cadena de manuelas, mano con mano, golpe a golpe, beso a beso, saltos mortales del chino que reproduce en menor escala el chorro ligoso que dibuja el aire con su trapecio seminal.<sup>22</sup>

Y con esta misma boca que canta el ave maría rocé la calva malva de ese durazno rosa, apenas palpé con los labios la piel áspera de esa carne viva, palpitante en las pequeñas venas que urgían reventar el cuero de aquel enorme mango jugoso.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> BARCELLOS. *Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas*, p. 59.

<sup>22</sup> LEMEBEL. *La esquina es mi corazón: crónica urbana*, p. 27-28.

<sup>23</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 29.

Elas são produtoras de discursividades literárias homoeróticas bastante importantes, sob o ponto de vista das políticas de gênero, ainda que cada uma delas se valha de recursos e de estratégias discursivas ora distintas, ora semelhantes. Uma tende a dar evidência ao caráter singular do encontro afetivo entre pessoas que se desejam e a outra chama a atenção para um encontro no qual o dinheiro facilita, viabiliza as relações, partindo de interesses muito específicos: o desenrolar de um tipo de *homossociabilidade* mediada, ainda que inicialmente, por trocas de favores.

Diante de um contexto que obriga os sujeitos a vender seus corpos para sobreviver, como diferenciar os limites entre o que seja verdadeiramente *homoafetivo* e o que seja apenas do âmbito *homossocial*? Poderíamos nomear como *homoafetivas* as relações afetivas entre sujeitos de mesmo sexo, sustentadas puramente ou parcialmente pelo interesse comercial? Não seria mais conveniente falar de *narrativas do desejo*, sem tentar uma delimitação de suas intencionalidades, já que há muito admitimos como comuns ou “normais” as relações humanas que se baseiam em interesses que não necessariamente se vinculam ao afeto?

Outra questão relevante é apontada por Braga Júnior, quando discorre sobre ambientes repressivos e afirma que “os ambientes exclusivamente masculinos, como os quartéis, são terreno fértil para o surgimento de situações de perseguição e violência homofóbica”.<sup>24</sup> Concordo com ele, mas permito-me acrescentar que, em muitos outros casos, funcionam como lugares, se não do contato corporal real – tal como é possível observar no exemplo da crônica “Lagartos en el cuartel”, da obra *La esquina es mi corazón* –, de construções veladas de *narrativas do desejo* que podem ser identificadas, por exemplo, no conto “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu. É dentro, mesmo, desse espaço disciplinador que ocorrerá a atuação calculada, pormenorizada e disfarçada do desejo que, ainda reprimido sob vestes militares, não cessa de atuar:

---

<sup>24</sup> BRAGA JÚNIOR. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo*, p. 23.

Muito perto, cheiro de suor de gente e cavalo, bosta quente, alfafa, cigarro e brilhantina. Sem mover a cabeça, senti seus olhos de cobra percorrendo meu corpo inteiro vagorosamente. Leão entediado, general espartano, tão minucioso que podia descobrir a cicatriz de arame farpado escondida na minha coxa direita, os três pontos de uma pedrada entre os cabelos, e pequenas marcas, manchas, mesmo as que eu desconhecia, todas as verrugas e os sinais mais secretos da minha pele. Moveu o cigarro com os dentes. A brasa quente passou raspando junto à minha face. O mamilo do peito saliente roçou meu ombro. Voltei a estremecer.<sup>25</sup>

Não caberia tentar delimitar, de modo estrito, por todas essas razões, uma estilística específica presente na discursividade homoerótica literária desses dois escritores, mas simplesmente elucidar os pontos onde essas discursividades se interceptam e se afastam na realização, no plano literário, do que José Carlos Barcellos denominou “caráter questionador e desestabilizador do homoerotismo”,<sup>26</sup> porque acredito – apropriando-me das palavras de Abreu – que “o mundo [é] enorme, cheio de coisas desconhecidas. Boas nem más. Coisas soltas feito aqueles reflexos e sombras metidos no meio de outras coisas, como se nem existissem, esperando só a hora da gente ficar ofuscado para sair flutuando no meio do que se podia tocar”.<sup>27</sup>

O discurso homoerótico em Abreu e Lemebel revela, portanto, que o caráter homoerótico do discurso literário, ainda que situado em diferentes contextos político-sociais de produção, aponta a ânsia por revelar, de uma maneira mais colada à realidade

---

<sup>25</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 81.

<sup>26</sup> BARCELLOS. *Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas*, p. 39.

<sup>27</sup> ABREU. *Morangos mofados*, p. 88.

ou mais fictícia, o constructo do imaginário do desejo pelo corpo do outro. Talvez mais que apontar, de um modo binário, diferentes estratégias simbólicas de desenvolver a questão do homoerotismo na literatura, seja mais produtivo mapeá-las, para compreender as diferentes perspectivas da criatividade literária apresentadas nas narrativas que dão ênfase à enunciação homoerótica, reverenciando, se necessário for, a originalidade de sua composição, tal como esta da crônica “Noche quiltra”, de Pedro Lemebel:

Y dejé correr su cochambre arestiniento por mis yemas, por su estómago desnutrido de perro guata de pan, perro trasnochado, perro cunetero, perro sin amo y sin amor. Por eso archivé la moral ecológica en el estante de Greenpeace, y le brindé a mi Cholo una paja gloriosa que nunca una caricia humana le había concedido. Y así se fue meneándome la cola caninamente agradecido, y yo también le dije adiós con la mano espumosa de su semen cuando en el cielo una costra de zoofílica humanidad amenazaba clarear.<sup>28</sup>

**Resúmen:** Partiendo del análisis de las especificidades de la composición simbólica de algunos textos literarios producidos por el escritor brasileño Caio Fernando Abreu, en su obra *Morangos mofados* (2005), y por el escritor chileno Pedro Lemebel, en *Adiós mariquita linda* (2006) y en *La esquina es mi corazón* (1997), este artículo tratará de la naturaleza heterogénea y moviente que caracteriza la construcción de la discursividad homoerótica.

---

<sup>28</sup> LEMEBEL. *Adiós mariquita linda*, p. 146.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BARCELLOS, J. C. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: SOUZA JÚNIOR, J. L. F. de (Org.). *Literatura e homoerotismo*. São Paulo: Scortecci, 2002. p. 13-66.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martínez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAGA JÚNIOR, L. F. L. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo*. 2006. 313 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LEAL, J. H. G. *La esquina es mi corazón: espacialidades performáticas nas crônicas de Pedro Lemebel*. 2007. 149 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- LEAL, J. H. G. Algumas narrativas de performances urbanas do desejo: Pedro Lemebel. In: SOUBBOTNIK, O. M.; SOUBBOTNIK, M. A. (Org.). *O corpo e suas fic(xa)ções*. Vitória: PPGL/MEL, 2007. p. 359-368.
- LEMEBEL, P. *La esquina es mi corazón: crônica urbana*. 2. ed. Chile: Editorial Cuarto Propio, 1997.
- LEMEBEL, P. *Adiós mariquita linda*. Barcelona: Mondadori, 2006.
- SOUBBOTNIK, O. M.; SOUBBOTNIK, M. A. (Org.). *O corpo e suas fic(xa)ções*. Vitória: PPGL/MEL, 2007.
- SOUZA JÚNIOR, J. L. F. de (Org.). *Literatura e homoerotismo*. São Paulo: Scortecci, 2002.